são e a ordenha mecânica. Paralelamente, existe uma preocupação com a genética, a nutrição e a sanidade do rebanho.

Entre 1998 e 2000, o segmento produtor enfrentou a importação indiscriminada de leite em pó e os preços desabaram. Muitas granjas tiveram as atividades encerradas. Mesmo nesse contexto adverso, em 1999 a granelização saltou de 40% para 65%; entre 1995 e 1998, a quantidade de ordenhadeiras saiu de 183 para 4.182.

Graças às medidas antidumping, Argentina, Uruguai e Europa não podem mais vender derivados de leite ao Brasil a preço inferior ao praticado no mercado internacional.

Graças às medidas *antidumping* adotadas pelo governo, após pressão exercida pelos criadores brasileiros através de suas entidades representativas, a rentabilidade melhorou em 2001. Argentina, Uruguai e Europa não podem mais vender derivados de leite ao Brasil a preço inferior ao praticado no mercado internacional.

Dados do Sindicato das Indústrias de Laticínios mostram que 1,357 bilhão de litros são processados por 151 indústrias inspecionadas pelo Serviço de Inspeção Federal. Outros 368 laticínios processam cerca de 548 milhões de litros com inspeção da Agência Rural. Há ainda um grupo aproximado de 100 laticínios atuando na clandestinidade, principalmente na fabricação de queijo, podendo captar até 500 milhões de litros ao ano. O estado consome apenas 20% do leite que produz.

A indústria de derivados lácteos é variada. O maior volume é de queijo mussarela e leite longa vida. Há ainda o leite em pó e os queijos parmesão, prata, gorgonzola, *cheddar*, requeijão, iogurte, manteiga e bebidas lácteas. Em média, os laticínios goianos processam 6 milhões de litros por dia, mas têm capacidade instalada para 9 bilhões (**L.A.P.** e **R.A.**).

Dez anos *depois*

Fatores e acontecimentos favoráveis podem enfim tornar reais as expectativas de toda a década passada

É provável que a colheita de 2002 supere os 100 milhões de toneladas. A segunda previsão da Companhia Nacional de Abastecimento para a safra nacional de cereais e oleaginosas de 2001/02 vem ao encontro das expectativas alimentadas durante a década passada pelos agentes do agronegócio – fornecedores de insumos, máquinas e equipamentos, agricultores propriamente ditos ou agentes dos elos de transporte, beneficiamento e armazenamento.

A conjuntura tem sido bem favorável. As perspectivas de um novo ano positivo para as exportações dos complexos cárneos asseguram uma demanda firme e boas probabilidades de lucro nos grandes cultivos de milho e soja. A economia doméstica, por sua vez, mesmo abaixo do ritmo de crescimento desejado, garante um consumo adicional para as lavouras do tipo arroz e feijão.

Enfim o setor primário começa a acreditar na realização de seu pujante destino. No passado, o desequilíbrio das variáveis macroeconômicas, principalmente entre 1985 e 1995, impediu que se chegasse a esse resultado. Durante 1996 e 1998, os juros elevados oneravam os custos de produção, além de o câmbio sobrevalorizado tirar a competitividade das agroexportações.

Progressos e números

Com o sensível progresso do lado administrativo da agricultura, os subsídios deixaram de ser a panacéia contra todos os problemas. As dívidas pendentes, mesmo significativas, vão sendo negociadas a cada ano: é uma pendência a ser tratada no médio prazo.

Cresce cada vez mais a capacidade de pensar seriamente sobre o aproveitamento das oportunidades existentes e criar mecanismos modernos de gestão no âmbito das cadeias produtivas. Tecnologia, manejo, escala, escoamento são temas corriqueiros em inúmeros encontros promovidos por governos,

Brasil: produção de cereais e oleaginosas

Produto	Produção – mil t			Área plantada – mil ha		
	2000/01	2001/02	Var. %	2000/01	2001/02	Var. %
Algodão em caroço	1.525,20	1.248,30	-18,2	870,40	732,10	-15,9
Amendoim	196,70	195,00	-0,9	102,40	101,60	-0,8
Arroz	10.386,00	11.376,80	9,5	3.248,60	3.369,70	3,7
Aveia	321,90	321,90	0	244,80	244,80	0
Centeio	9,80	9,80	0	7,40	7,40	0
Cevada	307,70	307,70	0	140,20	140,20	0
Feijão	2.591,40	3.260,10	25,8	3.768,80	4.210,00	11,7
Girassol	74,40	74,40	0	47,50	47,50	0
Mamona	86,40	86,40	0	147,30	147,30	0
Milho	41.536,20	38.812,90	-6,6	12.954,70	12.449,00	-3,9
1ª safra	35.228,50	30.812,90	-12,5	10.528,30	9.542,50	-9,4
2ª safra	6.307,70	8.000,00	26,8	2.426,40	2.906,50	19,8
Soja	37.218,30	41.400,40	11,2	13.685,20	15.455,10	12,9
Sorgo	856,90	856,90	0	483,10	483,10	0
Trigo	2.971,90	2.971,90	0	1.591,80	1.591,80	0
Total	98.082,80	100.922,50	2,9	37.292,20	38.979,60	4,5

Fonte: Conab.



cooperativas e empresas. Feiras e exposições trazem dias de trabalho intensivo em demonstrações e aprendizado.

A capacitação empresarial permite ao setor colher as alternativas advindas de um ambiente econômico e comercial mais saudável. A parte organizacional ganha força e ganha força a tônica do mercado. O sojicultor conhece muito bem o impacto que teriam sobre a sua atividade uma eventual redução dos subsídios norte-americanos à cultura e a enorme fronteira representada pela entrada da China na Organização Mundial do Comércio. Também os produtores de milho, de soja e os criadores conhecem os efeitos da doença da vaca louca na União Européia sobre suas atividades.

Nas áreas das culturas, o grande desempenho é registrado na soja, cuja expansão é de 12,9%. O feijão também é destaque, com 11,7% a mais. A nota mais desconfortável vem do algodão, com variação negativa de 15,9%, resultado do encolhimento em Mato Grosso, que representa mais da metade da produção. O mercado internacional do produto experimenta preços em baixa, ante maiores produções e menores custos de produção dos Estados Unidos e China, onde se cultivam materiais geneticamente modificados e com menos uso de defensivos. No milho a queda é de 3,9%, mas existe uma projeção de aumento da safrinha (**L.A.P.** e **R.A.**).